

## Apresentação

Paulo Cesar Silva de Oliveira<sup>1</sup>

Shirley de Souza Gomes Carreira<sup>2</sup>

O exercício do pensamento crítico-literário em nossos desafiadores tempos certamente passa pela pluralidade de olhares que compõem a narrativa do mundo com o qual lidamos, entre perplexidade e uma desejável racionalidade. Pensar o contemporâneo não é apenas estudar obras, autores e escolas de hoje, mas também requer do pensador olhar para o passado conforme pensou Walter Benjamin (2012), como se vislumbra um relâmpago na noite escura da História. Seja a partir do Sul Global, com seu périplo rumo à construção de um pensamento outro ou na desconstrução das teorias hegemônicas do Norte Global, nossos desafios estão, não em proclamar uma diferença, mas em discutir para problematizar as formas com que essas diferenças se articulam, expandem e limitam. O pensamento fronteiriço é, portanto, um caminho possível pelo qual podemos surpreender o saber literário nas diversas manifestações culturais com que ele se articula. Nelas encontraremos não apenas os temas essenciais do pensamento crítico-acadêmico de hoje, mas, principalmente, os sujeitos em trânsito, seja nas metrópoles, nas vias secundárias do mundo ou na recuperação do passado que ressurge como em um momento de perigo, novamente me valendo do pensamento de Walter Benjamin.

O exercício crítico-teórico em torno da literatura em suas múltiplas acepções – romance, conto, cinema, estudos de gênero, música popular, metaficção, filosofia,

---

<sup>1</sup> Paulo Cesar Silva de Oliveira é mestre (1993) e doutor (2001) em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio de pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense (2016) e pela UNICAMP (2022). Atualmente é Professor Associado de Teoria Literária da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando também como professor e pesquisador permanente no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), na linha de pesquisa “Literatura, Teoria e História”; e no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UERJ. É bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq e bolsista Procientista da FAPERJ. É vice-líder do Grupo de Pesquisa CNPq/UERJ “Poéticas da Diversidade”. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3710-4722>. E-mail: paulo.centrorio@uol.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em Literatura Comparada. Professora Associada de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e docente permanente no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN) Líder do Grupo de Pesquisa CNPq/UERJ “Poéticas da Diversidade”. Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq e Bolsista Procientista da FAPERJ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>. E-mail: shirleysgcarr@gmail.com.

Estudos Pós-coloniais etc. – revela esse mundo em perigo. Pensar essas categorias, por vezes antagônicas, requer do teórico uma compreensão de que todo texto é sempre passagem de/para outros textos. Deste modo, o caráter de força dos saberes contido na literatura é revelado nesses movimentos de passagem, e não é só isso: o pensamento crítico demanda (d)a literatura, assim como bem mostrou Luiz Costa Lima. E é especialmente de literatura que se trata neste dossiê aberto aos temas livres. E é também acerca da colonização e de seus efeitos; da decolonização com seus desafios; e da leitura literárias em suas (im)possibilidades que os artigos se debruçam.

A reescrita de acontecimentos históricos motiva a leitura de *Eu Tituba: bruxa negra de Salem*, artigo em que Leonardo Júnio Sobrinho Rosa revisita a autora caribenha falecida em abril de 2024, Maryse Condé. Como escritora provocadora, prolífica em suas inúmeras produções, que vão desde a ficção expressa em contos, novelas, romances, às entrevistas e os poemas, passando ainda pelos ensaios críticos, Condé é aqui lida e avaliada a partir das relações entre uma história obliterada, a história oficial e a reconfiguração que seu romance propõe da jornada de Tituba, mulher escravizada e perseguida sob a acusação de bruxaria, nos Estados Unidos do século XVII, durante os já icônicos julgamentos de Salem.

O roteiro crítico de Rosa poderia muito bem prefigurar no presente as discussões sobre o mal encaminhada por Vanessa Cianconi, em “Into the dimension of evil in *The Nether*, by Jennifer Haley”. Nas considerações iniciais de seu artigo, Cianconi aponta o universo *nether* como espaço habitado por demônios, criaturas míticas em uma dimensão do mal e da imaginação dispostos no universo da Internet definida como rede de computadores que se dissemina pelo planeta através das mais diversas instituições e corporações. O reino do *nether* se estrutura para além da Internet, em uma realidade distópica que se articula como uma espécie de rede demoníaca em que a realidade virtual chega a um ponto até o presente ainda não imaginado.

O mundo distópico, em outro diapasão, motiva Tainá Andrade da Silva a se aventurar nas peripécias do mangá *One Piece*, do japonês Eiichiro Oda. Também esta obra aborda um futuro em que sobressaem as questões sociopolíticas e culturais e de poder, desta vez, por meio das peripécias de personagens que Oda representa e empodera. Esses indivíduos marginalizados são o centro de uma narrativa voltada principalmente ao público infantil e juvenil, mas que chama a atenção dos críticos para os poderes da arte em representar, no sentido de “falar-por”, sujeitos sem voz e de se expandir em universos

multimidiáticos: a obra foi transportada para o *anime*; e há uma versão em *live action*. Arte, sociedade, geografia, comunicação e políticas textuais são os termos-chave que compõem o subtítulo do artigo de Andrade Silva. A análise da obra que de que trata o artigo esmiúça o caráter social da arte como mecanismo crítico de resistência às narrativas dominantes, daí a importância da discussão em torno das relações sociais e políticas ficcionalizadas em *One piece*.

Ainda na série aberta pelas relações entre literatura, teoria, crítica e política, destacamos as reflexões de Larissa Gotti Pissinatti e Sonia Maria Gomes Sampaio, em “Máscaras das colonizações na figura bruxesca da mulher na narrativa amazônica: *A mãe seringueira das costas sangrando*”, artigo que propõe discutir os processos de colonização através da narrativa oral objeto do trabalho, cuja imagem da mulher bruxa/feiticeira é aqui relida na proposta dos estudos pós-coloniais e do feminismo decolonial. A representação bruxesca da mulher pela ótica da malignidade motivam a crítica das autoras acerca da inferiorização da mulher subalternizada, especialmente se levarmos em conta as relações de gênero envolvidas no processo marginalização das culturas consideradas menores ou periféricas.

As relações de gênero também norteiam o artigo de Gil Derlan Silva Almeida, “Quando os desejos ditam o jogo: *The infernal desire machines of doctor Hoffman* e as relações de gênero”. Também aqui se discute a representação de tipos sociais minorizados sob o olhar hegemônico do patriarcado. Segundo Almeida, a autora da obra em questão, Angela Carter, subverte as perspectivas de uma história única ao apresentar novas possibilidades para as relações interpessoais, desta feita, pautadas pela desconstrução da dominação masculina que inferioriza os sujeitos dissidentes, mais especificamente, neste artigo, as mulheres.

“Clarice Lispector: a criação como alegria difícil”, de Luiz Lopes e Raimundo Sousa, revisita o clássico *A paixão segundo G.H.*, de 1964, sob a ótica das relações entre literatura e filosofia com foco no pensamento de Friedrich Nietzsche. É o pensamento trágico em ação na obra clariceana que ocupa os autores na tentativa de estabelecer um saber trágico como linha de força do romance clariceano em questão.

Gustave Flaubert é outro autor clássico aqui reavaliado. Na leitura de Tiago Collect e Pedro Brum Santos, em “Reflexões acerca da originalidade em Flaubert”, a perspectiva de Georg Lukács é o ponto de partida crítico para se discutir o (não) conceito que é a questão da originalidade. Centralizando-se na análise comparativa entre *A lenda*

de *São Julião Hospitaleiro e a Legenda Áurea*: vidas de santos, de Jacopo de Varazze, a crítica estética mais concentrada no pensamento de Lukács procura avançar em relação às leituras de Flaubert como um desconstrutor do universo burguês concentrando as hipóteses nas teses da invenção formal e do uso de técnicas renovadas de escrita ficcional como um dos fatores essenciais para se compreender a originalidade do francês.

Para além dos estudos de narrativas, encontramos em “*Representação espacial na transposição do dístico “Bahia” para a canção “Lanterna mágica”*”, uma salutar análise da poesia moderna e contemporânea. Elimar Barbosa de Barros opera na relação intersemiótica entre literatura e música para discutir os processos de adaptação, reapropriação e (re)criação que norteiam a canção “Lanterna Mágica”, com música de Belchior sobre o poema “Bahia”, de Carlos Drummond de Andrade. As relações entre poesia e canção, sem juízos de valor sobre o que seja ou não poesia, fazem parte de capítulos importantes da Música Popular Brasileira. Para Barros, interessa defender a ideia de que a música sobre o poema não se limita a reproduzir o sentido de uma obra escrita originalmente para o livro e não para a canção: é justamente a abertura de espaços-outros de significação que potencializam os sentidos da obra nova e conferem novas possibilidades de interpretação da representação poética.

O conjunto de textos aqui assinalados terão nos leitores a interlocução necessária para que suas ideias, temas, conceitos e polêmicas possa transitar nas passagens cada vez mais densas no jardim de caminhos bifurcados da literatura. Os textos aguardam seus leitores prováveis para que se complete a jornada.

## Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *O anjo da história*. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 7-20, 2012.

LIMA, Luiz Costa. Quem tem medo de Teoria? In: \_\_\_\_\_. *Dispersa demanda*: ensaios sobre Literatura e Teoria. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 1981.